

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE PSICOLOGIA

**LUÍS PAULO SOUSA DA SILVA**

**DO MENINO AO HOMEM** – considerações psicanalíticas

São Luís

2018

**LUÍS PAULO SOUSA DA SILVA**

**DO MENINO AO HOMEM – considerações psicanalíticas**

Monografia entregue, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia com formação em psicólogo, ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isalena Carvalho

São Luís

2018

Silva, Luís Paulo Sousa da.

Do menino ao homem : considerações psicanalíticas /  
Luís Paulo Sousa da Silva. - 2018.

51 f.

Orientador(a): Isalena Santos Carvalho.

Monografia (Graduação) - Curso de Psicologia,  
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

1. Complexo de Édipo-Castração. 2. Diferença Sexual.  
3. Homem. 4. Menino. 5. Metáfora Paterna. I. Carvalho,  
Isalena Santos. II. Título.

**LUÍS PAULO SOUSA DA SILVA**

**DO MENINO AO HOMEM** – considerações psicanalíticas

Monografia apresentada ao curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão, para a obtenção do grau de Psicólogo.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isalena Santos Carvalho (Orientadora)

Universidade Federal do Maranhão

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valéria Maia Lameira

Universidade Federal do Maranhão

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria da Conceição Ferreira Furtado

Universidade Federal do Maranhão

## **AGRADECIMENTOS**

À minha mãe, Ana Lúcia, pelo amor, pelo brilho, pelo colo; por fazer de mim um rei e também me permitir ser apenas um homem.

Ao meu pai, Luís Carlos, por me amar como um pai e, portanto, como um homem.

Aos meus irmãos Eduardo, Beatriz e Felipe que me ensinam a dividir, a ser mais generoso e também a brigar.

Aos meus avós maternos e paternos que são os sois de minha vida, me iluminando e me inspirando. Obrigado eternamente por não terem desistido e por terem sustentado a vida quando ela era insustentável.

Às minhas tias Ana Cláudia, Ana Cleide e Dasdôres que sempre me incentivaram o estudo e me ajudaram das mais diversas formas a me manter nas linhas de uma formação; vocês me permitiram seguir.

Por serem o chão que fortifica e prepara as minhas sementes, por me mostrarem que nas dificuldades nos unimos e nas alegrias nos fortalecemos, obrigado à toda a minha família.

E porque não se atravessa sozinho uma formação, aos amigos que não só me ajudaram, como me deram forças para que fosse possível suportar o insuportável, que ajudaram a lapidar a brutalidade que ainda carregava ao fim da adolescência, e que me apresentaram a vida de tantas outras formas: Larissa Dias, Yarla, Larissa Oliveira, Elayne, Brenda e Elone.

Ao trio Stenio, Ítalo e Lucy por terem percebido que a quatro somos melhores. Pelo abrigo, pelo sorriso, pela acolhida, pela transformação. Por estarem juntos comigo, por me amarem com seriedade e por suportarem nossas diferenças com leveza. Pelo nosso encontro.

Pela incrível companhia nessa trajetória de angústias e tristezas, e também de tantas alegrias, amores e celebrações, às minhas amigas Stella, Josy e Natalia. À Helenice da Hora, que se provou um apoio inigualável, pela calma que me provoca no caos e pelo turbilhão que me passa no abraço.

Ao meu primo Júnior que, como um grande amigo, me mostra que é possível amar com firmeza e persistir com ternura. A minha prima Jaqueline por tanta inspiração, pela força que me transmite e pelo amor que me conforta.

À professora Isalena Carvalho que com muita paciência, dedicação e gentileza orientou-me e apostou no meu trabalho. Por ter me escutado e se preocupado. Muito obrigado pelos cortes, pela firmeza em me apontar uma direção, que nem sempre fácil, é ética e de muito trabalho comprometido.

Às professoras Valéria Lameira e Conceição Furtado, não apenas por terem aceitado o convite para a banca, mas por bancarem trabalhos com a psicanálise na Universidade, os quais me permitiram apostar numa prática em uma visada analítica. Muito obrigado pela doçura, pela beleza e peso de suas palavras e pela transmissão honesta.

Por fim, à dança que me permite respirar e me situar. Por me fazer perceber que o corpo de um homem também dança pelo mundo.

*“Para onde vai a minha vida, e quem a  
leva?  
Por que faço eu sempre o que não  
queria?  
Que destino contínuo se passa em mim  
na treva?  
Que parte de mim, que eu desconheço, é  
que me guia?”*

*O meu destino tem um sentido e tem um  
jeito,  
A minha vida segue uma rota e uma  
escala  
Mas o consciente de mim é o esboço  
imperfeito  
Daquilo que faço e sou: não me iguala*

*Não me compreendo nem no que,  
compreendendo, faço.  
Não atinjo o fim ao que faço pensando  
num fim.  
É diferente do que é o prazer ou a dor que  
abraço.  
Passo, mas comigo não passa um eu que  
há em mim.”*

(Fernando Pessoa)

## RESUMO

Nesta pesquisa, colocou-se em questão o estatuto que é dado ao lugar do homem, assim como as interrogações que perpassam a masculinidade e as definições do que é ser homem diante das diversas transformações que o mundo contemporâneo vem atravessando. Teve-se como proposição central o questionamento sobre a assunção de uma criança a posição de homem, com base no referencial teórico da psicanálise. Para isso, foi necessário identificar qual o lugar do órgão sexual masculino na assunção de uma criança à posição de homem; a operação referente à transformação de uma criança em um homem a partir do Complexo de Édipo-Castração; e o que atesta que um sujeito está na posição de homem. Para atingir tais objetivos, realizou-se uma pesquisa teórica a partir da revisão bibliográfica de textos de Sigmund Freud e Jacques Lacan. Como ponto de partida, assumiu-se a não existência de qualquer natureza que destine o sujeito para um desenvolvimento e que, portanto, o posiciona a mercê daquilo que se desenrola nas vias do Outro. Nesse caminho, a noção de recalque primevo se fez fundamental para que pudéssemos enxergar como a criança é tomada por alguns em um mundo de linguagem. Daí a importância do primeiro laço ao qual a criança se subjugava: com a mãe. Mostrou-se como todo encaminhamento subjetivo, a partir da diferença sexual, é sempre feito a três; primeiramente na relação criança-mãe-falo e mais a frente na tríade criança-mãe-pai. Com isso, demonstrou-se os encaminhamentos ocorridos a partir de tais relações e como elas estão presentes na vida adulta do homem. Apontou-se a ameaça de castração, articulada com a proibição do incesto, como operação fundamental para que o menino pudesse se direcionar à posição de homem. Colocou-se em destaque o lugar privilegiado assumido pelo pênis na economia psíquica do menino e, adiante, do homem. Concluiu-se que a partir da renúncia do desejo incestuoso, o menino pode assumir o seu sexo, identificando-se com o pai e podendo vir um dia a tomar posse do falo. Por fim, com a noção de metáfora, pôde-se registrar que na submissão à castração existe uma dimensão de novidade que diz de como cada um está submetido à lei do pai e como cada um pode fazer uso de seu pênis.

**Palavras-chave:** Diferença Sexual. Menino. Homem. Complexo de Édipo-Castração. Metáfora Paterna.

## ABSTRACT

In this research, the status given to the place of man was questioned, as well as the questions that pervade masculinity and the definitions of what it is to be a man in the face of the various transformations the contemporary world is going through. The central proposition was the questioning about the assumption of a child in the position of man, based on the theoretical reference of psychoanalysis. For this, it was necessary to identify the place of the male sexual organ in the assumption of a child to the position of man; the operation concerning the transformation of a child into a man from the Oedipus-Castration Complex; and what attests that a subject is in the position of man. To reach these objectives, a theoretical research was carried out from the bibliographic revision of texts by Sigmund Freud and Jacques Lacan. As a point of departure, the non-existence of any nature that destines the subject for a development is assumed and that, therefore, positions them at the mercy of what is developed in the ways of the Other. In this way, the notion of primeval repression became fundamental so that we could see how the child is taken by some in a world of language. Hence the importance of the first bond to which the child subjugates: with the mother. It has been shown how any subjective referral, from sexual difference, is always made to three; first in the child-mother-phallus relationship and later in the child-mother-father triad. Thus, it was demonstrated the referrals occurring from such relationships and how they are present in the adult life of man. The threat of castration, articulated with the prohibition of incest, was pointed out as a fundamental operation so that the boy could be directed to the position of man. Thus, it was demonstrated the referrals occurring from such relationships and how they are present in the adult life of man. The castration's threat, articulated with the prohibition of incest, was pointed out as a fundamental operation so that the boy could be directed to the position of man. The privileged place assumed by the penis in the psychic economy of the boy and, later, of the man, was emphasized. It is concluded that from the renunciation of the incestuous desire, the boy can assume his sex, identifying with the father and being able to come one day to take possession of the phallus. Finally, with the notion of metaphor, it was recorded that in submission to castration there is a dimension of novelty that says how each one is subject to the law of the father and how each can make use of his penis.

**Keywords:** Sexual Difference. Boy. Men. Oedipus-Castration Complex. Paternal metaphor.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	11
2. DO RECALQUE PRIMEVO À DIFERENÇA SEXUAL.....	16
3. DO COMPLEXO DE ÉDIPO-CASTRAÇÃO COMO POSSIBILIDADE AO MENINO DA ASSUNÇÃO À POSIÇÃO DE HOMEM .....	30
4. CONCLUSÃO .....	45
REFERÊNCIAS .....	51

## 1. INTRODUÇÃO

Ao longo da minha caminhada no curso de Psicologia, tive a oportunidade de observar a explicitação dos mecanismos que operam a assunção de uma criança à posição de homem, a partir das discussões que dizem respeito à diferenciação sexual, através do Complexo de Édipo-Castração.

Por muitas vezes, nessa trajetória, tive a percepção de que é a sexualidade feminina que faz mais questões à psicanálise. Isso porque escutei – e pude também ler – que Freud (1925/1996) esbarrou no mistério da feminilidade e a ele não foi possível encontrar encaminhamentos para tal tópico. Derivado de tal percepção, por muitas vezes tive a impressão de que as respostas em torno da questão “o que é um homem” ou “como uma criança se torna um homem” já estavam todas circundadas, visto que as discussões em torno da feminilidade eram as que mais aparentavam relevância à medida que Freud não pôde a elas responder.

Ora, a impressão de que uma questão tão complexa como essa é passível de fechamento ou total definição era apenas um equívoco, visto que diante das diversas transformações que o mundo contemporâneo vem atravessando – tais como: conquistas e lutas de direitos políticos e sociais por parte de mulheres, surgimento de novas modalidades de relacionamento, estabelecimento de novas configurações familiares, propagações virtuais e midiáticas de novas representações da figura do homem –; a masculinidade e as definições do que é ser um homem são colocadas em interrogação, o homem (ou os homens) – e, a partir disso, o estatuto que é dado ao lugar do homem – é colocado em questão. E daí a possibilidade de questionar-se em torno do que marca estruturalmente um homem.

Questionamentos que perpassam essa temática aparecem na clínica psicanalítica e nas análises de diversos homens. Em fato, interrogações remetentes a esse tema compareceram em minha própria análise e aprofundaram-se a partir das atividades de estágio clínico no Núcleo de Psicologia Aplicada da Universidade Federal do Maranhão sob supervisão da professora Valéria Lameira, onde o meu contato com a prática psicanalítica se intensificou; e no trabalho do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Nome Próprio em Psicanálise, sob coordenação da professora Isalena Carvalho.

Nesse trajeto, por vezes partindo do nível fenomênico – observar comportamentos classificados socialmente como “comportamentos de homem” ou o seu oposto; ler *posts* em redes sociais sobre a dita “crise da masculinidade”; escutar discussões em torno do que faria um homem deixar de ser homem, por exemplo – e das discussões sobre tais, as dúvidas e indagações em torno da temática da masculinidade se formaram. E em minha análise pessoal e no trabalho de estágio e pesquisa, pude me dar conta de que as questões e as respostas em torno desse tema estão longe de se esgotar. Portanto, pretendo com esta monografia não permitir que passem despercebidas ao colocá-las em destaque.

Estando sensível à constante inquietação de Freud e Lacan em torno do que escutavam como advindo da experiência humana, esse percurso trouxe-me até aqui para que com o estudo do texto, eu possa circundar a questão de trabalho que proponho, a saber, como se dá a passagem da criança do sexo masculino à posição de homem.

Nessa tentativa de dar encaminhamentos para as questões, fui a alguns textos de Freud, uma vez que fundador da psicanálise foi o primeiro a demarcar enfaticamente, ao longo de sua obra e vida, a aproximação da sexualidade infantil à vida sexual do adulto a partir de seu percurso na clínica e de seus constantes questionamentos em torno da constituição de homens e mulheres.

A relevância em se questionar em torno da sexualidade infantil tal como feito por Freud é sublinhada também por Lacan, o qual afirma que no complexo de Édipo reside à função normativa da estrutura moral do sujeito, de suas relações com a realidade e da assunção de seu sexo. Diz ele que “[...] há no Édipo a assunção do próprio sexo pelo sujeito, isto é, para darmos os nomes às coisas, aquilo que faz com que o homem assuma o tipo viril e com que a mulher assumam um certo tipo feminino” (LACAN, 1958/1999a, p. 171).

É justamente por aí que passo a encaminhar a questão aqui em voga. Antes disso, contudo, me debruço sobre a carência de natureza, instinto ou de um saber sobre a origem por parte do humano para tentar demonstrar algo da ordem de uma perda naquilo que seria a passagem, mítica, da natureza para o social. Além disso, pretendo colocar em voga a falta de qualquer espécie de naturalidade do sexo para

o sujeito e, portanto, mostrar como a diferença sexual é fruto de uma articulação simbólica.

Embora não trabalhe com os investimentos pré-genitais, conto com eles para poder partir para o percurso traçado pelo menino a partir da premissa fálica. É dessa construção que nos foi apontada por Freud e demarcada por Lacan que posso conduzir a questão até o ponto em que a diferença sexual é reconhecida pela criança.

Mais a frente, introduzo o complexo de Édipo-Castração como a operação referente à transformação de um menino em um homem, assim como debato todas as suas implicações enquanto percurso necessário para o menino à assunção de seu sexo. Por fim, chegamos ao ponto de indicar a identificação ao pai enquanto aquilo que possibilita a saída do Édipo-Castração e o coloca pronto para assumir sua posição no mundo com o seu sexo, em um posicionamento de virilidade.

Em “A Metáfora Paterna” (1958/1999a), lição presente no Seminário 5, Lacan afirma que o sujeito não é desde sempre um homem, “[...] mas ele pode tornar-se alguém, já está com seus títulos de propriedade no bolso, com a coisa guardada, e, quando chegar o momento, se tudo correr bem, [...], no momento da puberdade, ele terá seu pênis prontinho, junto com seu certificado” (p. 176). Bem, aqui reside o núcleo da questão proposta neste trabalho.

Como um sujeito se torna um sujeito homem? A que se refere Lacan com o termo “títulos de propriedade”? Ter um pênis pronto é sinônimo de estar identificado com a posição de homem? A que pênis Lacan está nos remetendo? Qual o certificado que atesta que um homem é um homem? São diversos os questionamentos que podemos levantar. E é com eles que iremos caminhar até podermos dar alguma resposta sobre a questão. Nos encaminhamentos dados para as questões aqui presentes são referidos a estrutura neurótica da clínica psicanalítica, é preciso dizer.

É necessário dizer que ao longo do meu trabalho tento colocar em destaque que, com o referencial teórico psicanalítico, estamos lidando com o sujeito do inconsciente e, portanto, não com questões que se registrem ao nível dos fenômenos, ainda que nesse nível ele venha a se mostrar. Tento deixar isso claro

com o trabalho no primeiro capítulo. É no recalque primevo, nessa perda radical, que a negatividade do inconsciente se firma sobre o sujeito, não nos permitindo falar do tema proposto em uma referência a fenômenos da consciência ou da vontade.

A pesquisa em torno dessa temática, contudo, não acontece de forma simples ou a partir de conhecimentos dados em um *a priori*. Em Freud, a ênfase dada à vida sexual infantil e, particularmente, à sexualidade infantil do menino pôde ser feita a partir de seu percurso de trabalho na clínica, de suas construções teóricas e do endereçamento de sua palavra a Fliess; assim como a partir dos impasses, das possibilidades e impossibilidades, das discussões sociais e dos avanços epistemológicos que o momento histórico em que vivia lhe proporcionava. Ou seja, a partir dos questionamentos que se impuseram a ele durante seu percurso.

Foi também a partir da construção do meu percurso até aqui que pude me debater com a questão que proponho como pesquisa neste trabalho monográfico, a saber, “como se dá a passagem do menino à posição de homem?”.

Este trabalho apresenta relevância teórica para a comunidade acadêmica na qual se insere – Curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão –, uma vez que poderá ser lida por alguns acadêmicos do curso que pretendem trilhar um caminho na psicanálise ou que podem vir a se interessar pela temática.

A proposição deste trabalho – que se dá na visada não só de uma conclusão de curso, como também da possibilidade de avanço da minha leitura de Freud – pode vir, talvez, a afetar outros e assim convocá-los, quem sabe, ao trabalho em torno dos furos, das lacunas e das questões que podem advir com esta pesquisa.

Nesta visada, discutir a passagem do menino à posição de homem com base em obras de Freud e Lacan é o que temos por objetivo geral. Para que esta empreitada ocorra será feita uma pesquisa teórica a partir da revisão bibliográfica de obras freudianas e lacanianas. É válido destacar que uma revisão bibliográfica em psicanálise não está na via de uma mera reprodução, mas de uma repetição que pode nos proporcionar uma (re) construção (LAMEIRA, COSTA E RODRIGUES, 2017).

É, portanto, em um trabalho com os conceitos enquanto instrumentos, onde o sujeito conta e o saber do inconsciente opera que uma pesquisa em psicanálise se

faz possível. Pesquisa esta que não visa encontrar A resposta ou esgotar por definitivo as questões, à medida que se lida com um saber que provoca furos, que escancara lacunas e que não nos permite qualquer encerramento definitivo; mas que pode vir a produzir avanços e novos encaminhamentos em torno das questões aqui em destaque.

Tais questões se materializam através dos objetivos específicos: identificar qual o lugar do órgão sexual masculino na assunção de uma criança a posição de homem para a teoria psicanalítica; identificar a operação referente à transformação de uma criança em um homem; identificar ao que Lacan se refere com o termo “virilidade”.

É assim que, contando com a falta estrutural que não nos permite falar tudo (e neste caso, escrever), e com a hiância entre aquilo que se fala e o que se quer falar, que esta pesquisa é proposta a partir de um não-contínuo, onde o método psicanalítico pode nos permitir escutar algo (de) novo a cada vez sobre a transformação do menino em um homem e o que certifica tal posicionamento.

## 2. DO RECALQUE PRIMEVO À DIFERENÇA SEXUAL

A dificuldade em construir um texto em torno da diferença sexual pode ser remetida ao tropeço característico do sujeito falante em relação a sua vida sexual. Por que meus pais me trouxeram a esse mundo? Pode-se perguntar o sujeito. Ou ainda: O que meus pais querem de mim? Algo mais comum no início da vida adulta é se questionar o porquê de tantos embaraços e anseios quando alguém se interessa amorosamente por outra pessoa. Esses são exemplos de como cada um está sempre às voltas com a impossibilidade de encontrar respostas definitivas para a sua posição no mundo e de como esse tropeço relativo ao sexual se apresenta. Posição esta que, como temos a pretensão de mostrar ao longo deste trabalho, é estruturada justamente pela sexualidade.

No entanto, é cabido que nos questionemos de onde parte esta impossibilidade. Isto é, do que carece o falante para que lhe fosse possível estar bem resolvido com a questão da sexualidade? Neste ponto, é possível formular uma resposta: de natureza. Esta resposta, que é uma aposta sustentada por Freud e, principalmente, por Lacan em seu retorno ao texto freudiano, nós a podemos encontrar por toda a obra de ambos.

Para os fins aqui propostos, vamos a Totem e Tabu (1913), onde Freud nos direciona para uma antecedência que marcaria a passagem da natureza à cultura, passagem que diz respeito a uma interdição mítica originária. Ao estudar a vida dos selvagens e suas relações com o totem e o tabu do incesto, Freud foi se debatendo com o fato de que o vínculo de um selvagem com o totem não se limitava a relações de consanguinidade ou de família (na conotação que conhecemos hoje enquanto um núcleo de pessoas que, geralmente, possuem laços sanguíneos e jurídicos) e, no entanto, tal vínculo era o esteio que regia todo o laço social, incluindo quais eram as relações sexuais permitidas e quais as proibidas, como nos diz Freud (1913) ao concluir que a exogamia está diretamente ligada ao totemismo.

São dessas duas instituições (exogamia e totemismo) que Freud pôde escutar a leis básicas que regiam a vida dos povos primitivos, a saber, “não matarás e não comerás o totem” e “não terás relações sexuais com pessoas do mesmo totem”. Ora, essas duas leis são semelhantes às leis “não te deitarás com tua mãe” e “não matarás teu pai” que promovem e permitem o laço social até na contemporaneidade,

na qual estamos inseridos. Diante desse achado, somos levados a nos perguntar onde tais leis encontram sustentação.

Em outras palavras, como se promoveu a passagem da natureza ao social, passagem que marca a possibilidade de submissão à lei para esse que nós designaremos aqui, conforme o ensino de Lacan, de sujeito falante. Com relação a essa designação, nós a damos a partir de como Lacan (1964/2008a) trata isso que seria a imposição dos significantes enquanto organizadores inaugurais das relações humanas. De algo que antecede a existência de cada um e que acontece no “[...] nível em que – antes de qualquer formação do sujeito, de um sujeito que pensa, que se situa aí – isso conta, é contado, e contado já está o contador. Só depois é que o sujeito tem que se reconhecer ali, reconhecer-se ali como contador” (LACAN, 1964/2008a, p. 28).

O que abordamos então é o mundo de palavras, no qual a criança é inserida do momento de seu nascimento, quando seu grito é escutado como demanda à qual a mãe tenta responder. Um mundo que fornece significantes (LACAN, 1964/2008a) através da fala daqueles que se dirigem a essa criança, a qual, poderá a vir um dia assumir para si uma fala.

Mas quando essa passagem, de fato, ocorre? É neste “de fato” onde a dificuldade reside. Isso porque fica claro que não existe um marcador, não é possível encontrar um dado objetivo que nos proporcione circundar em que exato momento ocorreu a passagem da natureza ao social. No próprio exemplo do grito da criança, não há ali nada que demarque que esta criança está pedindo algo em específico (o peito ou um lugar mais quente para dormir, por exemplo), que diga que ela já seria um sujeito falante – o que temos aqui é doação de sentido.

É assim que a questão que se impôs a Freud, no trabalho com o totemismo e com o tabu do incesto, é: o que fez com que aqueles selvagens mesmo sem saber a razão, sem lembrar o início, sem conhecer o que lhes causava, se submetessem e continuassem a transmitir tais leis?

Para encontrar encaminhamentos diante disso, Freud necessita de uma trabalhosa construção teórica, à medida que

Tudo o que se relaciona com o totemismo parece misterioso: os problemas decisivos relacionam-se com a origem da ideia da descendência do totem e com as razões para a exogamia (ou melhor, para o tabu sobre o incesto de que a exogamia é expressão), bem como a relação entre estas duas instituições, a organização totêmica e a proibição do incesto (FREUD, 1913/1996, p. 119).

É por aí que Freud caminha para elaborar uma explicação que pudesse nos dimensionar a forma pela qual o psiquismo se institui de modo a permitir que aquelas tribos pudessem se organizar socialmente. É importante apontar também que Freud nos convoca mais uma vez a refletir sobre a origem. Essa reflexão, contudo, nos leva ao impossível. Isto é, a ausência de uma resposta. O que podemos fazer frente a tal dificuldade é construir algo. Por isso, precisamos ir justamente para onde Freud nos encaminhou enquanto o recurso que lhe foi possível.

O mito da horda primeva nos é fundamental para falar da submissão dos selvagens às leis do totemismo e da exogamia. Neste mito, Freud (1913/1996), retomando uma hipótese darwiniana, narra a vivência original dos homens também em grupos. O grupo era comandado pelo macho mais forte e mais velho – o pai, o qual usufruía de todas as mulheres da horda e não permitia que os outros homens (seus filhos) tivessem relações sexuais com tais mulheres (suas mães e irmãs). Até aqui, nada submissão a lei que permite a civilização, nenhuma submissão a qualquer espécie de lei, tinha-se brutalidade e ameaça de morte por parte do pai em direção aos filhos, segundo Freud (1913/1996).

O avanço que Freud (1913/1996) nos propiciou diz respeito ao crime cometido pelos filhos, crime esse que passamos a adotar como o marco que funda a civilização, a organização social. Esse crime consistiu na reunião dos irmãos expulsos da horda para matar e devorar o pai e assim pôr fim a restrição que lhes era imposta pela brutalidade do até então chefe. No entanto, os irmãos não foram bem sucedidos em seu crime, visto que, como Freud (1913/1996) trabalhou bastante ao longo de sua obra, sob o ódio direcionado ao pai em vida, existia também amor. O amor, entretanto, só se impõe aos filhos, após o parricídio, em forma de remorso.

Aqui chegamos ao ponto de construção freudiana referente à passagem ao social. É isto que Freud nos ratifica ao dizer que “o pai morto tornou-se mais forte que o fora vivo [...]”. O que até então fora interdito por sua existência real foi

doravante proibido pelos próprios filhos” (FREUD, 1913/1996, p. 151). Isto nos denuncia que é daí que podemos situar a submissão à lei do pai, à lei da interdição do incesto.

[...] A proibição do incesto tem também uma poderosa base prática. Os desejos sexuais não unem os homens, mas os dividem. Embora os irmãos se tivessem reunido em grupo para derrotar o pai, todos eram rivais uns dos outros em relação às mulheres. Cada um queria, como o pai, ter todas as mulheres para si. A nova organização terminaria numa luta de todos contra todos, pois nenhum deles tinha força tão predominante a ponto de ser capaz de assumir o lugar do pai com êxito. Assim, os irmãos não tiveram outra alternativa, se queriam viver juntos [...], do que instituir a lei contra o incesto, pela qual todos, de igual modo, renunciavam às mulheres que desejavam e que tinham sido o motivo principal para se livrarem do pai. (FREUD, 1913/1996, p. 152).

É na renúncia que situamos então a entrada no laço social. Uma vez que, para seguir a lei deixada pelo pai, os filhos renunciam à tentativa de posse de todas as mulheres para que possam vir a ter uma. Nessa renúncia da tentativa de ocupar o lugar do pai, um lugar que agora está vazio e que seria impossível de ocupá-lo, puderam também estabelecer uma sociedade (FREUD, 1921/1996), a qual, vale ressaltar, é baseada no crime comum a todos.

Essa teorização freudiana joga luz sobre algo da ordem de uma transmissão. Algo que foi sendo repassado adiante pelos falantes e que marca a possibilidade de se falar em civilização. Freud (1921/1996) afirma que o desenrolar da horda primeva deixou traços indestrutíveis na humanidade, e destaca que também “a força indestrutível da família como formação natural de grupo reside no fato de que essa pressuposição necessária do amor igual do pai pode ter uma aplicação real na família” (FREUD, 1921/1996, p. 128-129).

É-nos possível afirmar, então, que as leis do totemismo permitiram o laço e continuam a permitir até os dias de hoje. Temos respaldo para tal, quando Freud (1913/1996) assinala a correspondência do tabu totêmico com o desejo incestuoso recalçado do Complexo de Édipo – o qual, como objetivamos demonstrar, é a operação normatizadora da sexualidade e da posição do sujeito na estrutura em que está inserido.

Freud precisou recorrer ao mito para dar conta do que permitiu esse enquadramento simbólico da realidade, isto é, como cada um vai ocupar um lugar de diferença no grupo familiar que se insere. Contudo, é preciso avançar com Lacan

neste ponto, o uso do mito se justifica justamente por não haver a possibilidade de acessar a origem ou um dado que feche todas as questões em torno dessa temática (Lacan, 1957/1995a). Existe, na neurose – é preciso deixar claro –, um buraco que não permite preenchimento, um vazio que não possibilita respostas definitivas. É justamente em torno desse buraco que o mito se constrói.

Para caracterizar em torno do quê o mito é construído, precisamos nos atentar para a sua apresentação enquanto uma narrativa. É Jacques Lacan que nos possibilita enxergar isso, em seu trabalho de retorno aos fundamentos da psicanálise. Lacan (1957/1995a), ao analisar para que serve o mito, mostra que ele possui um caráter de ficção estável. Este caráter, por sua vez, indica um vestígio da noção de estrutura. O que Lacan quer dizer com isso? Bem, que a importância de um mito jaz não no seu conteúdo propriamente dito, mas na verdade que é estruturada como uma ficção. Isto é, que “essa ficção [o mito] mantém uma relação singular com alguma coisa que está sempre implicada por trás dela, e da qual ela porta, realmente, a mensagem formalmente indicada, a saber, a verdade” (LACAN, 1957/1995a, p. 258).

Mais uma vez, ao longo dessa construção, Lacan nos demonstra que essa verdade não está relacionada à natureza. “A natureza, tal como se apresenta ao homem [...] é sempre profundamente desnaturada” (LACAN, 1957/1995a, p. 259). Não se pode dizer também, que estamos referenciados, com o mito, à verdade de um ser ontológico. Com Lacan, não nos é possível falar em uma ontologia; ele nos diz, inclusive, que é preciso situar o inconsciente no nível do sujeito da enunciação, pré-ontico, à medida que é sempre ele que fala (LACAN, 1964/2008a) – inclusive através do mito. É do sujeito enquanto que indeterminado (LACAN, 1964/2008a) que tratamos aqui, ou seja, como o corte, como o produto do vazio que não nos permite respostas definitivas sobre essa origem e sobre o sexual, em torno do qual tendemos a construir mitos e teorias.

É dessa desnaturalização, a qual promove a hiância onde devemos situar o sujeito, que o mito pretende dar conta. Vemo-nos às voltas com a temática da origem, origem perdida. A isso que nos remetemos aqui, o trabalho de Freud já tentava circundar quando da construção sobre o recalque anterior ao Complexo de

Édipo. Ele (1915/1996) já nos dava notícias, então, da existência de um recalque<sup>1</sup> primevo “[...] que consiste em negar entrada no consciente ao representante psíquico (ideacional) da pulsão<sup>2</sup>. Com isso, estabelece-se uma *fixação*; a partir de então, o representante em questão continua inalterado, e a pulsão permanece ligada a ele” (p. 153).

Isto nos denuncia que alguma coisa – o conteúdo ideacional, o saber sobre a origem, a natureza – foi perdida. Se retornarmos à situação do grito da criança, a veremos como um exemplar justamente dessa passagem. Nela, a impossibilidade de saber já se escancara. Isto é, ali, naquele grito, não há nada que diga para a mãe que a criança está com fome, com frio ou com calor. Ela presume sua conclusão. O que aquele que grita de fato quer a mãe não teria como saber.

É através do “Projeto para uma Psicologia Científica” de Freud (1950 [1895]/1996) que podemos situar esse ponto de rompimento. A partir da sua construção sobre a primeira experiência mítica de satisfação, vemos que por mais que o aparelho, ao se encher de energia possua uma tendência à descarga, o alívio só pode ocorrer a partir de uma *ação específica* (FREUD, 1950 [1895]/1996). Uma ação de direcionamento ao outro pela criança. Para que assim alguém se direcione ao filhote do humano para tirá-lo do desamparo.

Não é por acaso, contudo, que Freud (1950 [1895]/1996) nos remeta a primeira experiência mítica de satisfação à experiência de dor. Essas duas estão imbricadas, à medida que é preciso que haja o aumento da quantidade de energia no aparelho (dor) para que a satisfação (descarga dessa energia) possa vir a ocorrer. É importante visualizar como Freud não deixa passar despercebido que essas experiências deixam restos no aparelho.

Os resíduos dos dois tipos de experiências [de dor e de satisfação] que acabamos de examinar são os afetos e os estados de desejo. Estes têm em comum o fato de que ambos envolvem um aumento da tensão  $Q\pi$  em  $\psi$  – por soma. Ambos os estados são da maior importância para a passagem [da quantidade] em  $\psi$ , pois deixam atrás dele motivações para isso, que se constituem no tipo compulsivo. (FREUD, 1950 [1895]/1996, p. 383).

<sup>1</sup>Utilizaremos neste trabalho o termo recalque por considerarmos mais adequado que o termo repressão como consta na edição consultada.

<sup>2</sup> Apesar de na tradução consultada, o termo *trieb* ter sido traduzido por instinto, usamos aqui pulsão, como na tradição de Lacan, para tracejar a diferença entre um marcador filogenético que impulsiona outras espécies e a força constante, situada entre o somático e o psíquico, que atua sobre o humano, tal como colocada por Freud.

Ora, na “primeira vez” da ocorrência de tal satisfação, a energia que passou pelo aparelho deixa rastro. O que Freud (1950 [1895]/1996) chama de trilhamento das vias. É justamente desse rastro que estamos tentando tratar aqui.

O estado do desejo resulta numa atração positiva para o objeto desejado, ou mais precisamente, por sua imagem mnêmica; a experiência da dor leva à repulsa, à aversão por manter investida a imagem mnêmica da dor leva à repulsa, à aversão por manter investida a imagem mnêmica hostil. Eis aqui a atração de desejo primária e a defesa [repúdio] primária. (FREUD, 1950 [1895]/1996, p. 383).

Na experiência de satisfação, que também implica a experiência de dor, nós podemos ler a imposição de um traço que faz marca no aparelho. Um traço que, contudo não se inscreve, à medida que não possui um representante. A isso que Freud chama de imagem mnêmica não é permitida inscrição, uma vez que ela causaria dor:

É mais difícil explicar a defesa primária ou recalçamento - o fato de a imagem mnêmica hostil ser regularmente abandonada o mais depressa possível por seu investimento. Apesar disso, a explicação deve estar no fato de que as experiências primárias da dor foram eliminadas pela defesa reflexa. A aparição de outro objeto, em lugar do hostil, foi o sinal para o fato de que a experiência da dor estava terminando, e o sistema  $\psi$ , pensando biologicamente, procura reproduzir o estado de  $\psi$  que assinalou a cessação da dor. (FREUD, 1950 [1895]/1996, p. 384).

Freud (1950 [1895]/1996) nos mostra que o investimento que poderia vir a possibilitar a entrada dessa imagem mnêmica, alguma espécie de conteúdo ideacional, precisa ser abandonado como forma de defesa do aparelho. Podemos ver que existe neste jogo algo da ordem de um intolerável para o humano. É por aqui então que fazemos a tentativa de localizar o recalque primevo como isto que deixa uma marca, à qual não podemos ter acesso por não ter se inscrito. O recalque primevo enquanto aquilo que provoca uma perda ao filhote do humano. Perda do que nunca chegamos a ter, na medida em que nascemos prematuros, não possuindo um instinto filogenético que nos permita o alívio da tensão por nós mesmos.

Por isso o mito! Ao sermos tirados do desamparo por alguém, somos contados, incluídos nos mitos que perpassam esse que se direciona a nós. Mitos que tentam dar conta dessa não inscrição. É por aí mesmo que Lacan (1957/1995a) caminha quando diz que o mito vai abordar os temas da vida e da morte. “Trata-se, pois, de temas ligados, por um lado, à existência do próprio sujeito e aos horizontes

que sua experiência lhe traz, por outro lado, ao fato de que ele é o sujeito de um sexo, do seu sexo natural” (LACAN, 1957/1995a, p. 259).

A partir daí, Lacan (1957/1995a) vai apontar a relação de contiguidade entre a exploração etnográfica dos mitos e a atividade mítica na criança, enquanto aquilo que pode proporcionar justamente uma passagem dos termos puramente imaginários ao simbólico. Podemos depreender disto, que existe a possibilidade, através das construções míticas, para o sujeito de deixar de estar na vida unicamente pela via imaginária de dependência da mãe e passar a se situar no mundo de palavras, apropriando-se de uma fala, referido a lei simbólica do pai.

Reside aqui a importância de nossa imprescindível ida ao mito freudiano da horda primeva. É através dele que podemos situar neste trabalho o mito enquanto uma forma de enquadramento simbólico da realidade. Ou seja, como a tentativa, tanto da criança como dos povos primitivos (em suas construções míticas sobre o totem), de resolução da problemática da origem e do buraco ao redor do qual nos constituímos.

Isto quer dizer que é a partir dessa não resposta sobre a origem que o sujeito se situa. Ele não se situa de qualquer modo, contudo. O sujeito vai se situando, como pretendemos nos aprofundar adiante, a partir da diferença sexual. Qualquer espécie de resolução subjetiva que possa vir a se dar aí estará remetida ao fato de que alguns sujeitos são homens e outros são mulheres (e todas as repercussões que essa diferença ocasiona).

A partir disso, podemos ter noção de como o mito nos vai situando em relação ao sujeito e seu lugar (tal como o mito individual contado por cada neurótico na clínica nos situa de sua posição na estrutura que está inserido). Em toda a teorização de Freud em torno da horda primeva, podemos perceber que os lugares que passaram a ser atribuídos aos filhos e filhas, após o assassinato do pai, eram situados a partir da diferença sexual – os homens renunciavam ao desejo de possuir todas as mulheres, enquanto essas passaram a ser o objeto de troca que permitia o laço. Foi a partir de tais lugares que as trocas que possibilitam uma organização social passaram a acontecer.

Com relação à criança e a sua tentativa de se a ver com o sexual, é também a essa estruturação em forma de mito que nos remete Lacan (1957/1995a) ao trabalhar com o caso do pequeno Hans, a título de exemplo como uma das cinco psicanálises de Freud. Lacan (1957/1995a) nos guia por este caso para mostrar como Hans precisa, com muito esforço, construir diversos mitos para dar conta de se posicionar na saída do Édipo, estando para além de ser apenas o objeto de sua mãe. O que fica em evidência então é a passagem necessária para que ele pudesse ter algum tipo de encaminhamento subjetivo, passagem essa feita através de mitos. Lacan (1957/1995a) nos deixa com a afirmação da qual nos servimos aqui, a de que toda criança precisa passar, com mais ou menos dificuldades, por essa travessia. Uma travessia que se trata de um progresso na ordem do significante (LACAN, 1957/1995b).

É-nos possível evidenciar aqui o porquê de Freud concluir “Totem e Tabu” com a afirmação de que “no princípio foi Ato” (FREUD, 1913/1996, p. 167). Na horda, podemos dizer, as coisas se davam unicamente pela ação, não havia qualquer espécie de psiquismo referenciado a um social. É a morte do pai da horda, colocado no lugar da origem por Freud, que possibilitou a realidade psíquica, baseada na renúncia pulsional que permite a inserção no social (FREUD, 1913/1996).

Essa inserção diz desse percurso da pura ação a um psiquismo banhado pela palavra. Era isto que Freud assinalava. Mas foi Lacan quem acentuou a ênfase nessa passagem, numa ascendência à linguagem que é preciso que o filhote do humano passe. É por essa espécie de movimento que o falante precisa passar para ocupar um lugar, de onde lhe seja possível estar no social.

O que nós pretendemos mostrar ao longo deste trabalho é que o sujeito, ao longo da infância, precisa trilhar caminho semelhante. Ou seja, precisamos caracterizar essa passagem que uma criança (neste caso, especificamente, o menino) necessita fazer para ocupar um lugar simbólico, tomando a palavra para si e, portanto, podendo se contar.

Isto está impresso na vida sexual da criança. Mais especificamente, na pesquisa sexual infantil, no diz Lacan (1957/1995a). Essa pesquisa, que não se limita ao que seria à vida intelectual da criança e abrange, portanto, toda a atividade

do sujeito no conjunto do seu corpo (LACAN, 1957/1995a), está referida também à noção de mito.

O que é então que está por detrás dessas construções míticas que as fazem de sumária importância tanto para os primitivos quanto para as crianças, nós podemos nos interrogar. No ensino de Lacan podemos achar uma resposta. É da introdução do instrumento significativo na cadeia das coisas naturais que se trata (LACAN, 1957/1995a). Ou melhor, da atribuição de significantes por parte do Outro<sup>3</sup> – enquanto um lugar que determina o sujeito e diz de uma anterioridade simbólica encarnada primeiramente por aqueles em relação aos quais o desejo da criança é formado, pai e mãe, (CHEMAMA, 1996) – para a falta de natureza desse sujeito que foi marcado pela marca não inscrita do recalque primevo. Falamos justamente da imposição do significativo sobre o sujeito, enquanto a sua primeira marca. A marca que lhe permite fazer um jogo de salto em torno do fosso que é constituído (LACAN, 1964/2008b), lhe possibilita circular ao redor do buraco.

A linguagem, carregada de significantes, é para nós sempre desafiadora na medida em que nos leva propriamente para esse circuito em torno do fosso, do buraco. A autora Clarice Lispector já dizia:

Eu tenho à medida que designo – e este é o esplendor de se ter uma linguagem. Mas eu tenho muito mais à medida que não consigo designar. A realidade é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la – e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que não conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas – volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu. (LISPECTOR, 2009, p. 176)

Ora, é em torno disso que podemos situar a possibilidade para uma criança da assunção de seu sexo. Em torno da linguagem que malogra na tentativa de abarcar um real traumático – ao fato de, por exemplo, o menino ir se dando conta de que ele possui um pênis e a partir daí precisar se a ver com isso.

---

<sup>3</sup> Esta noção introduzida por Lacan é deveras difícil e trabalhada por ele ao longo de toda sua obra, portanto, não temos condições de abordá-la de forma mais aprofundada neste trabalho. Ademais, é necessário dizer que o Outro está colocado na ordem da linguagem, sendo o lugar onde o sujeito passa a situar-se; tarefa malograda, na neurose, uma vez que esse Outro é esburacado e não absoluto, visto que nenhum significante basta para defini-lo.

A assunção da criança se remete sempre a um lugar simbólico no laço social<sup>4</sup>. Há aqui alguma espécie de solução (nunca definitiva, sempre malograda) para o enigma da sexualidade para a criança, ou, em outros termos, do sexual enquanto que traumático.

É alguma coisa desta ordem que a criança precisa ter percorrido até um certo ponto, para transpor a passagem difícil de uma certa carência ou hiância, e para encontrar seu repouso e alguma harmonia. Talvez nem todos os complexos de Édipo precisem passar por uma tal construção mítica [referindo ao caso do pequeno Hans], mas é certo que eles necessitam realizar a mesma plenitude na transposição simbólica. (LACAN, 1957/1995a, p. 273)

A linguagem é o que nos atravessa, possibilitando-nos um lugar que diz sempre dessa atividade sexual de cada um. Como cada sujeito se posicionou na assunção de seu sexo. Colocamos então como isso só pode ocorrer pelos investimentos do Outro em nós, através dessa espécie de banho de linguagem que nos é dada quando na relação de alienação àqueles que encarnam o lugar Outro para cada um. Em termos lacanianos, da imposição da lei do significante no domínio da causa (LACAN, 1964/2008a). O que tentamos dizer aqui é que o sujeito só pode advir quando falado; por isso afirmar que o sujeito é (e)feito do significante.

Bem, o sujeito sempre será falado em referência a um sexo, como homem ou como mulher. A partir disso, talvez o sujeito possa vir a se apropriar da palavra. Até que isso venha a ocorrer, certo caminho precisamos enfrentar. Isso porque apesar de a estruturação psíquica do falante ocorrer pautada na diferença sexual, essa não está colocada de primeiro.

É Freud quem primeiro pôde sustentar, a partir de sua clínica, que a diferenciação sexual não ocorre de imediato na vida sexual infantil. Quando mais uma vez, trabalha para demonstrar que a vida sexual do adulto está toda remetida à sexualidade infantil, Freud (1923/1996) aponta o interesse nos órgãos genitais enquanto um dado de extrema relevância para a criança. Para falar a verdade, o interesse está remetido a um órgão: o pênis, diz-nos o pai da psicanálise.

É a primazia do falo que está em voga, nos aponta Freud (1923/1996). Na medida em que o menino julga ser factual a presença do pênis em todos os outros

---

<sup>4</sup> Noção avançada de Lacan e que, por isso, não se faz possível de ser explorada aqui. Segundo CHEMAMA (1996), as formas de laço social são regidas pelas relações do sujeito com o significante em uma organização discursiva permitida unicamente pela lei simbólica da interdição do incesto.

seres. É necessário que escutemos isso muito atentamente, uma vez que nos é apontado que a existência do pênis afeta deveras a criança do sexo masculino. Em outros termos, o pênis se impõe ao menino, impulsionando-lhe à investigação, enquanto uma curiosidade sexual. “Essa parte do corpo, facilmente excitável, inclinada a mudanças e tão rica em sensações, ocupa o interesse do menino em alto grau e constantemente estabelece novas tarefas a sua pulsão de pesquisa” (FREUD, 1923/1996, p. 160). A título de exemplificação, é cabido citar a fala de um paciente, de 3 anos, do NPA<sup>5</sup>, que muito claramente pergunta a mim, enquanto aquele que conduzia seu tratamento: “tu tem?”, e que quando questionado sobre o que falava, ele responde: “piroquinha”.

É preciso que façamos um desvio em nosso caminho para colocar que, a essa altura, Freud (1923/1996) confessa poder trabalhar essas questões apenas em crianças do sexo masculino. Não consideramos que isso seja qualquer espécie de empecilho, uma vez que nosso trabalho tem por pretensão abordar justamente as questões no nível do sujeito masculino com relação à assunção de seu sexo. Há também de se dizer que Freud promoveu alguns avanços com relação à feminilidade, tal qual como Lacan em seu retorno a Freud e, portanto, contaremos com tais avanços.

Retornando à primazia do falo, é interessante notar como Freud (1923/1996) descreve que nas pesquisas sexuais, o menino parte da pressuposição de que todos têm (inclusive sua mãe). Até quando visualiza o genital de uma criança do sexo feminino, a criança do sexo masculino acredita que o pênis ainda se desenvolverá; mais tarde, passa a acreditar que o pênis alguma vez esteve lá e depois tenha sido retirado (FREUD, 1923/1996).

Freud já pôde colocar aqui o quão importante são essas construções da criança, a partir das pesquisas sexuais infantis. É justamente na descoberta de que alguns não têm pênis – primeiro acreditando que tiveram e depois perderam; mais adiante que apenas pessoas desprezíveis do sexo feminino perderam seus órgãos genitais, e, apenas em outro momento, descobrindo que as mulheres não têm pênis

---

<sup>5</sup> Núcleo de Psicologia Aplicada. É a Clínica Escola da Universidade Federal do Maranhão, onde o autor deste trabalho monográfico praticou o Estágio Obrigatório I, na clínica psicanalítica, sob supervisão da professora doutora Valéria Lameira.

(FREUD, 1923/1996), que essa presunção de que todos têm, enfatizada na primazia fálica, se coloca como de extrema relevância.

Onde podemos situar a importância de tal primazia? Nós podemos encontrar a resposta na possibilidade que passa a ser apresentada para a criança do sexo masculino: a de poder vir a perder o pênis. É no que Freud (1923/1996) chama de ameaça de castração. Tal relevância gira em torno, é preciso demarcar, daquilo que foi situado por Freud como a ideia de perda vinculada aos órgãos genitais masculinos.

Isto é, a primazia fálica está colocada como antecedente fundamental para a importância do complexo de castração, ao qual nos detemos mais a frente neste trabalho. De todo modo, este medo do menino de perder seu pênis é que apresenta a criança do sexo masculino à tarefa de lidar com a possibilidade de castração em relação a si. Ou seja, é ao se dar conta de que alguns não têm que o menino passa a se encaminhar para uma espécie de resolução de seu posicionamento sexual a partir dos lugares que estão em voga na mito familiar que está inserido.

O que podemos perceber é que, embora Freud (1923/1996, p. 163) afirme que “somente após o desenvolvimento haver atingido seu completamento, na puberdade, que a polaridade sexual coincide com masculino e feminino”, a diferença sexual já se impõe nos primórdios da vida sexual do falante. É justamente ela, através da ameaça de castração – ao apresentar a possibilidade de perder o que se tem – que impulsiona o menino a buscar algum tipo de encaminhamento para sua sexualidade.

De certa forma, podemos ler em Freud (1924/1996, p. 282) já uma sinalização disso: “dá-se assim a diferença essencial de que a menina aceita a castração como um fato consumado, ao passo que o menino teme a possibilidade de sua ocorrência”.

Marcamos essa sinalização como de suma importância para o nosso trabalho, à medida que já se faz possível ver os indícios de que a castração não está situada apenas na “finalização” do Complexo de Édipo. Freud (1925/1996) a situou antes, quando afirma que a distinção anatômica reverbera psiquicamente.

A diferença entre o desenvolvimento sexual dos indivíduos dos sexos masculino e feminino no estágio que estivemos considerando é uma consequência inteligível da distinção anatômica entre seus órgãos genitais e da situação psíquica aí envolvida, corresponde à diferença entre uma castração que foi executada e outra que simplesmente foi ameaçada (FREUD, 1925/1996, p. 289).

É a partir desses encaminhamentos que escutamos a diferença sexual já se impondo como aquilo que permite ao sujeito se situar no mundo, ainda que sem saber sobre sua origem, ou sobre a razão pela qual alguns têm o pênis e outros não o têm, ou o porquê de temerem perdê-lo. Não estamos afirmando que a anatomia do corpo é o destino irrevogável. O que sustentamos, contudo, é que o corpo do falante marca uma diferença, à qual precisa ser atribuído seu valor. É sobre esse corpo, que contado pelo Outro, existe uma aposta de sujeito por parte daqueles que encarnam esse lugar Outro. Uma aposta sobre o nada, em torno do qual o sujeito falante é constituído.

Os encaminhamentos em torno da diferença sexual apontados aqui, no entanto, ainda não são suficientes para que circundemos nossa questão em torno da identificação do menino à posição de homem. Isso porque, o desfecho em torno da diferença sexual, assim como a submissão do menino à ameaça de castração, não é efetuado de uma vez por todas. Existe um percurso que ainda precisa ser feito. Percurso que já foi sinalizado de certa maneira até aqui, na medida em que a primazia fálica é contemporânea ao Complexo de Édipo (FREUD, 1924/1996). Trata-se da articulação entre essa Organização fálica, o Complexo de Édipo, o Complexo de Castração – a qual já era, inclusive, apontada por Freud (1924/1996). É dessa articulação e de como essas operações podem vir a normatizar a sexualidade, possibilitando que o menino passe a posição de homem, que tratamos em seguida.

Até aqui, já podemos demarcar o indicativo de que o órgão sexual masculino possui lugar importante na assunção de uma criança a posição de homem para a teoria psicanalítica sustentada por Freud e Lacan. Poderemos reconfirmar esse indicativo mais adiante quando nos detivermos na escolha narcísica pela posse de seu pênis feita pelo menino na saída do Complexo de Édipo pelo Complexo de Castração. De qualquer forma, neste momento de nosso trabalho, já temos indícios suficientes para ratificar a relevância do pênis no percurso do menino a posição de homem. É contando com essa relevância que devemos trabalhar em torno da articulação que pretendemos tratar adiante.

### 3. DO COMPLEXO DE ÉDIPO-CASTRAÇÃO COMO POSSIBILIDADE AO MENINO DA ASSUNÇÃO À POSIÇÃO DE HOMEM

Para que falemos de Édipo-Castração como a operação normatizadora da sexualidade e, portanto, da posição do sujeito na vida, é necessário que iniciemos por nos questionar onde se estabelece a importância de tal complexo para a formação do sujeito falante. Para isso, contemos com o trabalho feito no capítulo anterior em torno do recalque primevo. Ou seja, que contemos com aquilo que se faz contar por sua não inscrição em nosso psiquismo. Tratamos desta não naturalidade presente na vida do humano desde o seu nascimento que impossibilita à criança – e também ao adulto, é necessário dizer – de seguir caminhos e vias pré-determinadas por qualquer espécie de natureza ou instinto.

Em torno disso, Lacan (1964/2008c) demarca como não há no plano biológico qualquer resolução que diga das funções sexuais do falante. No tangente à diferença entre homens e mulheres, isso é radical e não nos permite pensar em natureza ou mesmo em uma função psíquica específica para tal diferenciação, à medida que “no psiquismo não há nada pelo que o sujeito se pudesse situar como ser de macho ou ser de fêmea” (LACAN, 1964/2008c, p. 200).

É lógico que, ao longo do percurso efetuado por cada sujeito, são encontradas equivalências e produzidas tentativas de demarcações para cada lado. Freud (1923), colocando em destaque a importância das pesquisas sexuais infantis, sinaliza algumas antíteses pelas quais a criança situa a oposição entre os sexos ao longo dessa trajetória. Primeiro, a questão se coloca em torno de ser sujeito ou objeto, mais a frente de *ativo* e *passivo*, e depois entre *possuir o órgão genital masculino* e *ser castrado* – aqui existe apenas masculinidade. Freud (1923) nos diz que apenas a partir dos encaminhamentos feitos na infância é que o sujeito, uma vez na adolescência, pode reconhecer a diferença, enquanto uma polaridade entre *masculino* e *feminino*.

O que Lacan (1964/2008c) nos ajuda a enxergar é que tais equivalências, no entanto, são representações. Representações, uma vez que a pulsão, a qual dita o caminho trilhado pelo sujeito na tentativa de qualquer espécie de resolução subjetiva, só pode ser representada parcialmente no psiquismo a partir do campo do Outro. O que Lacan (1964/2008c) permite que escutemos é que nossa constituição

psíquica, dando-se em torno de um buraco, de um falta de natureza, só pode ocorrer na tentativa nunca exitosa de preenchimento desse buraco, de um encontro com algo que diga por onde o sujeito deve fazer o seu caminho, seja como sujeito homem ou sujeito mulher.

Esse encontro, à medida que é desencontro, só se dá a partir da única referência que nos é possível desde o nascimento. O desencontro se dá propriamente neste campo Outro e, portanto:

[...] as vias do que se deve fazer como homem ou como mulher são inteiramente abandonadas ao drama, ao roteiro, que se coloca no campo do Outro – o que é propriamente o Édipo. [...] o que se deve fazer, como homem ou como mulher, o ser humano tem sempre que aprender, peça por peça, do Outro (LACAN, 1964/2008c, p. 200).

O que depreendemos disso é o fato de que ao virmos ao mundo somos amparados por alguns. Este amparo é dado no mundo de linguagem, onde o significante se faz imprescindível para que um sujeito advenha, significante esse que tem sua morada no campo do Outro (LACAN, 1964/2008c). Assim sendo, a partir do nascimento, na medida em que se perde, sem sabermos ao certo o que se perde, o sujeito falante precisa passar a lidar com aquilo que tem, com aqueles que lhe fazem apontamentos na palavra e se colocam no lugar de uma referência. Isto é, como aqueles que encarnam o Outro para a criança: mãe e pai.

É daí que se faz possível encaminhar nossa questão em torno do complexo de Édipo-Castração para o menino. E como “todo homem precisa de uma mãe” (VELOSO, 2017), é dessa relação que precisamos partir para darmos conta de como o menino se encaminha nessa trama. Freud (1933[1932]/1996), sustenta que a mãe é o primeiro objeto de amor de menino e que continua a ser durante todo o complexo de Édipo e ao longo de sua vida. Esse investimento direcionado a mãe tem suas bases nesse lugar que a mãe se coloca a ocupar para o filho, à medida que supre as necessidades vitais importantes e simples (FREUD, 1933[1932]/1996).

Precisamos então admitir a dependência da mãe por parte da criança enquanto uma dependência primordial. É Lacan (1958/1999b) quem nos indica isso de forma mais enfática, ao afirmar que a criança depende do desejo da mãe. O que isso nos revela é que essa dependência por parte da criança não se refere apenas à esfera de uma sobrevivência biológica, mas diz de uma instituição subjetiva primária.

Da mãe enquanto Outro. “Essa subjetivação consiste, simplesmente, em instaurar a mãe como aquele ser primordial que pode estar ou não presente” (LACAN, 1958/1999b, p. 188).

Embora admitamos o pai como parte essencial no triângulo filho-pai-mãe, para a criança o pai não aparece logo de início. O que podemos adiantar é que ele virá a ser desvelado e que, se tudo correr mais ou menos como previsto, ele haverá de ser colocado como significante no lugar da mãe (LACAN, 1958/1999b). No ponto em que estamos, contudo, é necessário que destaquemos primeiramente a relação da mãe e do filho como sendo para esse a sua primeira relação de realidade (LACAN, 1958/1999b). Ou seja, é através dessa relação que no sujeito pode haver alguma apetência de desejo (LACAN, 1958/1999b).

O que seria uma apetência de desejo? Bem, Freud (1933[1932]/1996) não deixa passar despercebido que a mãe é quem primeiro estimula a criança em suas zonas erógenas, seja pelas atividades de higiene corporal ou pela amamentação. Nos “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, Freud (1905), já apontava todos os estímulos pré-genitais com os quais as crianças se deparam. São esses estímulos que vão direcionando como desejos sexuais para as crianças ao poderoso vínculo dela com sua mãe (FREUD, 1933[1932]/1996). É com esse direcionamento que Freud (1933[1932]/1996) pôde nos fazer escutar as exigências de amor que passam a ser impostas pela criança. Essas exigências são definidas por Freud (1933[1932]/1996) como de caráter ilimitado e, portanto, passam a se colocar diante daquela que é seu objeto de amor primordial: a mãe.

É justamente em torno disso que podemos localizar a entrada no Édipo por parte da criança do sexo masculino. Se fizermos a leitura do termo apetência enquanto desejo, poderemos avançar neste ponto. Na medida em que há uma espécie de fixação na mãe por parte da criança (LACAN, 1957/1995b), essa criança apetece o desejo da mãe. O que está em voga enquanto desejo na criança é o desejo do desejo da mãe.

A nós, neste momento, é necessário que não deixemos passar despercebida a inserção do sujeito na dimensão simbólica, a qual se justifica pela articulação do desejo na cadeia simbólica (LACAN, 1958/1999b). Isto quer dizer que o sujeito precisa atravessar o mundo da linguagem, que tem como sede o Outro. Em outras

palavras, que o sujeito, em sua exigência de amor, tem seu desejo articulado em um mundo de fala que lhe antecede. Portanto, essa primeira experiência de realidade que demarcamos anteriormente como sendo com a mãe já é referenciada ao mundo simbólico.

É nessa referência que o desejo do menino passa ao estado de demanda e vai impor-se junto à mãe (LACAN, 1958/1999b), enquanto aquela que é sua primeira relação de Outro, de alteridade. Nesta dimensão, nós podemos perceber o que Lacan (1958/1999b) introduz como sendo a criança enquanto assujeito da mãe. O menino neste ponto está à mercê do “[...] capricho daquele de quem depende, mesmo que esse capricho seja um capricho articulado” (LACAN, 1958/1999b, p. 195).

Através deste caminho é que podemos situar a entrada do menino naquilo que Lacan (1958/1999b) nomeia como primeiro tempo do Édipo. Neste primeiro tempo, temos em voga também a primazia fálica. Não apenas na dimensão da questão que Freud nos colocou diante – a premissa assumida pelo menino de que todos têm, como também através da busca da criança de apeteer o desejo da mãe, ao se colocar como objeto de desejo dela, ao se fazer de falo (LACAN, 1958/1999b). Aqui estamos lidando com o que seria a etapa fálica primitiva (LACAN, 1958/1999b). Um tempo que, inclusive, já o pênis tem lugar de suma importância, não só como fonte de excitação e sensações (FREUD, 1923/1996), mas também como tentativa de interrogar a mãe a partir de uma demanda, uma vez que o menino passa a mostrá-lo para a mãe (LACAN, 1958/1999b).

Podemos colocar então que, no 1º tempo, há alguma espécie de oferta a partir do pedido. O menino demanda da mãe o seu desejo e, para que isso seja possível, oferece algo a ela. Em última instância, se oferece como objeto fálico na tentativa de satisfação do desejo da mãe (LACAN, 1958/1999c). Nós podemos nos perguntar de onde parte a premissa que faz com que o menino se coloque nesse lugar de falo, ou seja, onde a criança encontra a importância do falo para então tentar ocupar esse lugar para a mãe? Demarquemos aqui a referência ao mundo simbólico, a simbolização primordial vinculada às idas e vindas da mãe e qual a significação dada a essas (LACAN, 1958/1999b). É apenas dando-se conta que a mãe se direciona a alguma outra coisa que a dimensão de uma significação fálica se

coloca para esse menino. É para isso que Lacan (1958/1999b) nos orienta: para o falo enquanto x da significação.

Nesse primeiro tempo, é por aí que o sujeito vai se situando. A criança, sendo objeto parcial (LACAN, 1958/1999a), se questiona o que é o falo, o x imaginário, e daí põe-se a fazer-se de falo. Lacan (1957/1995b) afirma, inclusive, que há aí uma dimensão de exibicionismo:

[...] a criança oferece à mãe o objeto imaginário do falo, para proporcionar-lhe sua satisfação completa, e isso, sob a forma de engodo. Ora, o exibicionismo do menino diante da mãe só pode ter sentido fazendo intervir junto à mãe o grande Outro, que é, de certa forma, sua testemunha, aquele que vê o conjunto da situação. Sua presença está implicada simplesmente pelo fato da apresentação, até mesmo da oferenda feita pelo menino à mãe. (LACAN, 1957/ 1995b, p. 212).

Escutamos aqui também que nessa oferta da criança enquanto falo, há uma dimensão em que o pênis é oferecido à mãe como falo. Freud (1924/1996) já nos sinalizava isso ao escrever sobre a manipulação do menino sobre seu órgão. Referimo-nos então a uma espécie de comparação, neste momento do percurso, entre o falo imaginário e o pênis por parte do menino.

Podemos demarcar a partir disso a relevância de uma das identificações feitas pelo menino em seu percurso, a saber, a identificação ao falo, ao objeto de desejo da mãe (LACAN, 1958/1999b). Essa identificação passa por uma tentativa de satisfação, pelo fato de que para a criança seria suficiente ser o falo, e permanecer nessa posição de assujeito da mãe, estando à mercê do desejo dela; ainda que tal posição venha lhe trazer complicações.

Ora, Lacan (1958/1999c) nos faz observar que se a relação da criança neste momento é com o desejo da mãe e não com a mãe, aquela está praticamente isolada na dialética do desejo, “[...] desprovida de qualquer outra coisa que não o desejo desse Outro que ela já constituiu como sendo o Outro que pode estar presente ou ausente” (LACAN, 1958/1999c, p. 206). Isso nos leva a pensar que apesar de já estar tendo uma relação com o Outro da linguagem, a criança ainda não se submeteu à lei primordial que permite a entrada no social e, conseqüentemente, não pôde assumir qualquer tipo de fala própria com relação ao seu sexo.

O que existe é a criança recebendo a bruta mensagem do desejo da mãe (LACAN, 1958/1999c), isso porque o menino está sujeito apenas à lei da mãe, essa que diz respeito ao fato de a mãe ser um sujeito falante (LACAN, 1958/1999a). No entanto, apesar de a mãe pronunciar ameaças de castração em relação ao menino (FREUD, 1924/1996), ela sempre tenta “[...] reforçar sua autoridade por uma referência ao pai ou ao médico” (FREUD, 1924/1996, p. 196). Ora, isso já vai dando-nos indício de como uma lei vinda apenas da mãe não é suficiente para confirmar a possibilidade da castração para o menino. Por isso, Lacan (1958/1999a) afirma que a lei da mãe é uma lei não controlada. Não se trata apenas do filho tentando preencher a mãe enquanto falo, mas é também da mãe desejando o filho enquanto falo.

O que vimos até aqui foi o falo nesse plano imaginário como mediador do desejo do desejo da mãe. Lacan (1958/1999a) vai nos deixar claro, entretanto, que esta não é a via normal. É na visada de uma simetria entre o falo e o pai, a partir da ligação de ordem metafórica entre os dois, que o sujeito pode vir a chegar a alguma normatividade sexual. Nisso, é preciso implicar justamente a passagem do deslizamento contínuo da significação fálica puramente imaginária até a via metafórica, a via simbólica (LACAN, 1958/1999a). É neste caminho mais ou menos tortuoso que reside a possibilidade para o menino do “abandono do incesto” (FREUD, 1925/1996, p. 290).

Essa possibilidade não é certamente lá muito agradável para a criança do sexo masculino, a qual até então está muito bem alojada em seu apaixonamento pela mãe – e no apaixonamento de sua mãe por ele, é preciso dizer. É como se o menino cantasse, tal qual Zeca Veloso “eu sou cordão umbilical, pra mim nunca tá bom” (2017).

De fato, não está lá muito bom. Essa satisfação não chega a cabo. Alguma coisa, que já estava lá ainda que velada, passa a ficar menos velada. Por detrás do véu, toda a ordem simbólica da qual a mãe depende (LACAN, 1958/1999b). A que reportamos esse “por detrás”? À existência do pai. Ainda que o reconhecimento dessa existência ainda não tenha sido feito.

Para que esse reconhecimento ocorra, precisamos dar um passo a mais em direção ao segundo tempo do Édipo, colocado por Lacan (1958/1999b). Nele, devemos tratar do aparecimento do pai como privador no plano imaginário (LACAN 1958/1999b), o que não quer dizer que ele já não estava presente na relação mãe-filho. Na verdade, para que esse tempo passe a ser percorrido, alguma coisa já precisava ser apontada anteriormente. É justamente no discurso da mãe que esse apontamento é feito. Nesse discurso algo que até então parecia estar bastante velado, começa a ser desvelado: “[...] a mãe é dependente de um objeto, que já não é simplesmente o objeto de seu desejo, mas um objeto que o Outro tem ou não tem” (1958/1999b, p. 199).

Neste sentido, o pai se manifesta como Outro para a mãe, um Outro que proíbe o objeto de desejo da mãe e, portanto, “[...] é na medida em que o objeto do desejo da mãe é tocado pela proibição paterna que o círculo não se fecha completamente em torno da criança e ela não se torna, pura e simplesmente, objeto do desejo da mãe” (LACAN, 1958/1999c, p. 210). Alguma coisa se esburaca aí, se abre e, por isso, vem a possibilitar outra coisa para o menino, outra coisa que não seja instituída por um Outro absoluto no termos em que a relação imaginária – com a mãe – desejada pelo filho assumia.

À que podemos remeter esse segundo tempo edípico então? Ora, à intervenção do pai (LACAN, 1958/1999a). Ela também já se faz presente. Contudo, o faz enquanto um retorno tomado de forma imaginária. Ou seja, o menino concebe o pai unicamente enquanto privador da mãe (LACAN, 1958/1999b), aquele que lhe frustra diante do objeto real que é a mãe. De todo modo, a palavra do pai passa a aparecer, ainda que por intermédio da mãe, tal como o pai já sendo colocado como aquele que dá suporte à lei e que possui o que a mãe deseja (LACAN, 1958/1999b) uma vez que o pai aparece nesse nível como detentor de um direito. Há, portanto, neste ponto, o que Lacan (1958/1999b) diz ser o primeiro desvínculo do sujeito em relação a sua identificação com o falo. Os primeiros abalos em sua posição de assujeito. Ou, metaforizando com a música, de sua relação de cordão umbilical.

Faz-se necessário que demarquemos a importância da posse, durante esse tempo edípico. Justamente por exercer uma castração que priva a mãe, o pai é tomado pelo filho como aquele que promove a privação do falo no que diz respeito à

mãe (LACAN, 1958/1999b). No entanto, pode se escutar que nesta premissa reside também uma promessa – ainda que tal promessa seja um engodo. A promessa de que alguém tem aquilo que a mãe deseja, mais precisamente, que o pai tem o falo, que seria propriamente o objeto que a mãe procura. É possível dizer então que, mediado pela mãe, o pai se desvela em sua presença privadora (LACAN, 1958/1999b).

Para que essa privação seja efetivada, o pai, contudo, precisa manter aquilo que prometeu: que ele possui o falo e não que ele o é (LACAN, 1958/1999b). Essa diferença é deveras relevante, à medida que o pai apontado como mais-além da mãe revela para o filho a possibilidade de uma posição outra que não a de ser o falo da mãe. Porém, antes que nos aprofundemos nesse apontamento, voltemos a isso que Lacan (1958/1999b) descreve como sendo o terceiro tempo do Édipo.

Nesse terceiro tempo, pode vir a existir a efetivação daquilo que foi ameaçado ao garoto já de início: a castração. Freud (1933[1932]/1996) nos deixa justamente esse temor de castração como “a mais poderosa força motriz do seu [do menino] desenvolvimento subsequente” (p. 133).

A castração que opera a partir de um temor, contudo, tem de vir a ocorrer, na medida em que está “[...] ligada à articulação simbólica da proibição do incesto” (LACAN, 1958/1999a, p. 175). Freud (1933[1932]/1996) já circundava a questão quando afirma: é justamente a ameaça de castração que impele a criança do sexo masculino a abandonar a atitude adotada no complexo de Édipo, “[...] no qual ele deseja a mãe e gostaria de eliminar seu pai, por ser este um rival [...]” (FREUD, 1933[1932]/1996, p. 137).

Freud (1924/1996) já assinalara a ideia de perda vinculada aos órgãos genitais masculinos. Isto é, a primazia fálica se impõe como antecedente fundamental para a significação do complexo de castração, a qual é enfrentada pelos garotos como punição à qual não querem se submeter. É justamente no medo do menino de perder o seu pênis que reside a premissa capital para a renúncia do desejo incestuoso dirigido à mãe. Tanto a satisfação do incesto como a satisfação de uma posição passiva (ser como a mãe) são findadas: ambas lhe acarretariam a perda do pênis (FREUD, 1924/1996).

Esse “abandono” do Édipo, através do Complexo de Castração – nos meninos, é preciso demarcar –, ocorre a partir do surgimento do conflito entre o interesse narcísico no pênis e o investimento de libido ao objeto parental (no caso do menino, a mãe). Nesse conflito, o eu narcísico da criança leva a melhor e “os investimento de objetos são abandonados e substituídos por identificações” (FREUD, 1924/1996, p. 198).

No que podemos avançar com Lacan é em torno dessa renúncia feita a partir da intervenção do pai que não se dá unicamente na visada de um privador, mas também na de alguém que doa. Nesse nível do Édipo, temos em destaque a interferência do pai junto à mãe para além do pai onipotente, podemos ler que entra em cena a dimensão do pai potente (inclusive em sentido genital, para Lacan), ou seja, como aquele que pode sim dar o que a mãe deseja, à medida que o possui, o falo (LACAN, 1958/1999b). O que Lacan (1958/1999c) nos permite escutar é que agora o pai entra efetivamente nessa dialética a partir do ato de doação daquilo que estava em evidência na privação fálica.

É no atravessamento deste terceiro tempo que reside a possível saída do complexo de Édipo, uma saída que para o menino tem um direcionamento a partir da identificação. Identificação a quê ou a quem?

Ora, ao pai. Quando Freud (1921/1996) teoriza em torno da noção de identificação, ele a coloca como a possibilidade de que o menino renuncie à mãe para tomar o pai como ideal – tentando crescer como ele, ser como ele e tomar um lugar semelhante ao dele, em uma atitude que ele classifica como “tipicamente masculina” (FREUD, 1921/1996, p. 109). O Livro Sagrado nos diria: “Quem me vê, vê também o Pai” (BÍBLIA, 2002, 1322). À medida que o menino mostra interesse especial pelo pai e sua constituição enquanto homem se dá nesse direcionamento, o menino carrega consigo algo herdado do pai.

Sendo assim, temos condições de afirmar que o direcionamento que ocorre na saída do Édipo se dá justamente na visada de uma identificação do menino com o pai, enquanto o que possui o falo.

Bem, essa travessia não se dá lá da maneira mais fácil. Isso porque é preciso que contemos com um triângulo que é introduzido no real em uma relação simbólica

(LACAN, 1958/1999b). O triângulo fundamental filho-pai-mãe, nós podemos referi-lo ao real e isso se justifica pela existência de corpos situados a partir do real do sexo. Essa referência, contudo, está enodada em uma cadeia simbólica, ou seja, os três estão relacionados simbolicamente, de forma que é possível dizer que nesse enlaçamento, há um sulco no real feito pelo simbólico. Neste enodamento, há também sempre uma referência imaginária (ao pai enquanto privador, por exemplo), a via pela qual a proibição do incesto se manifesta (LACAN, 1958/1999a). É esse complicado jogo que leva o menino em direção à renúncia do desejo do desejo da mãe.

O encaminhamento do menino à posição de homem é efetuado sempre remetido a um terceiro – em um primeiro momento o falo, em outro o pai, nos é possível colocar. Lacan (1958/1999b) escreve:

Certamente, não se efetua sem a intervenção de um pouco mais do que a simbolização primordial dessa mãe que vai e vem, que é chamada quando não está presente e que, quando está presente, é repelida para que seja possível chamá-la. Esse algo a mais, que é preciso que exista, é exatamente a existência, por trás dela, de toda a ordem simbólica de que ela depende, e a qual, como está sempre mais ou menos presente, permite um certo acesso ao objeto de seu desejo [...]. (p. 189)

Ora, nesta trama entra em jogo justamente a dependência da mãe a algo que o filho não vem a lhe prover suficientemente, e que revela o desejo de Outra coisa por parte da mãe. Esse desejo, por sua vez, tem como objeto o falo (LACAN, 1958/1999b). Por trás da mãe, toda a ordem simbólica da qual ela depende remetida ao falo. O que podemos escutar aqui é a importância de, nesta trama, a mãe não estar colocada como super poderosa, como alguém que tudo pode e que, portanto, não apontaria um mais além em sua fala. Ou seja, que no seu discurso, a cada vez, algo da dimensão da falta apareça. Que vá se desvelando ao menino a indicação que sua mãe lhe faz de outra referência, de que algo existe além dela.

Na medida em que “[...] amar é sempre dar o que não se tem” (LACAN, 1958/1999c, p. 218), no amor da mãe, podemos assinalar, que é preciso vir a ser transmitida uma falta. É justamente aí que habita a possibilidade de advir um sujeito que tome para si o significante que designa o seu sexo. Ou seja, que no amor faltoso possa haver a permissão do surgimento de um inter (dito). Assinalamos então que entre a mãe o filho possa entrar o dito do pai.

É com essa transmissão da falta, com o indicativo de um mais-além, que se apresenta ao menino outra possibilidade. Assim que podemos ler que a mãe aponta Outra coisa, uma possibilidade outra ao menino; uma vez que em sua palavra passa-se a desvelar a palavra do pai.

Essa possibilidade nós encontramos sua indicação enfática no trabalho de Lacan com o significante, uma vez que está baseada no sancionamento “[...] num significante que aquele com quem ela [mãe] praticou o coito é o pai” (LACAN, 1958/1999b, p. 187). O que Lacan (1958/1999a; 1958/1999b; 1958/1999c) nos demonstra é que esse jogo diz de uma operação condizente com a posição do pai na ordem simbólica. Vemos aqui como na cadeia significante alguma coisa da ordem da função paterna precisa estar estabelecida, o que quer dizer que na articulação da fala do sujeito, há uma cadeia significante a qual só pode ser instaurada a partir do Nome-do-Pai, o único significante do pai (LACAN, 1958/1999b).

É preciso que clarifiquemos o que colocamos em voga aqui, trata-se da operação da metáfora paterna. Uma operação que diz do passo considerável dado pelo menino no percurso apresentado como sendo o de seu complexo de Édipo: do plano imaginário, onde o sujeito é assujeitado enquanto falo da mãe, para o reconhecimento do complexo de Castração que decreta ao menino a inevitabilidade de uma escolha entre ter ou não ter o pênis (LACAN, 1958/1999b). Lacan (1958/1999c) afirma inclusive que, quando fala sobre a metáfora paterna, está falando sobre o complexo de Castração. Em outras palavras, que há uma ligação entre a ordem metafórica e a dialética do complexo de Castração. Logo, é preciso neste momento que examinemos isso mais de perto. Para isso, façamos como Lacan: retornemos a Freud.

Em Freud, é preciso dar atenção àquilo que ele descreve como sendo a vinculação da ideia de perda ao órgão sexual masculino (FREUD, 1924/1996). Isto é, a grande valorização que a criança do sexo masculino direciona ao seu órgão e como este investimento narcísico vem a significar a possibilidade da perda do pênis. O que é isto se não o complexo de Castração propiciado justamente pela primazia do falo?

A ameaça de castração direcionada ao menino só pode ser tomada por ele como grande perigo, à medida que o falo tem seu lugar de extrema relevância para a criança. Quando Freud (1924/1996) nos sinaliza que é a ameaça de castração que ocasiona a destruição da organização genital fálica, ele dá um lugar de grande importância para isso que seria a admissão por parte do filho de que do lado da mulher – da irmã, das amigas de brinquedo e, principalmente, da mãe – não existe pênis. É justamente na admissão de que a mãe não tem que o filho passa a temer a perda. Podemos ler este ponto, inclusive, com o que trabalhamos anteriormente a partir de Lacan como terceiro tempo do Édipo, onde o pai mostra ao filho que a mãe não tem, privando-a de seu objeto fálico (a criança).

Aquilo que Freud (1924/1996) coloca como sendo até então as duas possibilidades para o menino a partir do complexo de Édipo, a saber, colocar-se no lugar de seu pai e desejar a mãe ou colocar-se no lugar da mãe em atitude passiva para com o pai, escancaram como consequência para ele a perda de seu pênis. E como há no pênis um investimento narcísico muito alto (FREUD, 1925/1996), no conflito entre seu interesse narcísico no pênis e o investimento libidinal dos objetos parentais, a primeira opção, geralmente, leva a melhor.

Freud (1924/1996) também nos direciona para outro aspecto deste conflito que também precisa ser levado em consideração: o fato de que o menino até certo momento encara a mãe como sua propriedade. Com a intervenção do pai sobre essa relação, o garoto percebe que a mãe transferiu seu amor para um recém-chegado, acarretando a ausência da satisfação esperada por ele na relação com a mãe (FREUD, 1924/1996). O recém-chegado, o pai, é quem promove a ameaça de castração, aparecendo no discurso da mãe.

Podemos avançar a partir dessas construções, quando enfatizamos com Freud (1924/1996) que é justamente a aceitação da possibilidade de castração que põe fim ao que até então eram as únicas possibilidades ao menino. É justamente quando a criança se submete à castração e abre mão daquilo que sequer tinha que outra possibilidade lhe é aberta. Freud (1924/1996) descreve este momento como o abandono dos investimentos de objeto, a dessexualização e sublimação das tendências libidinais, e a substituição de tais por identificações.

É válido que nos questionemos o que está em jogo nesta submissão à castração. Aqui, Freud já havia sinalizado desde “Totem e Tabu” (1913), é da proibição fundamental contra o incesto que estamos falando. Quando Freud (1924/1996) pontua que justamente neste momento de renúncia do objeto até então investido, o objeto de desejo, é que há a formação do supereu, ele coloca essa instância como responsável exatamente pela perpetuação da proibição contra o incesto. Bem, podemos colocar também o complexo de Édipo não tem como herdeiro apenas o tirano supereu, como nos escreve Freud (1933[1932]/1996). É-nos colocada também a dimensão da identificação a uma posição simbólica, como pretendemos deixar enfatizado ao fim deste trabalho.

De todo modo, a proibição faz com o que menino abra mão, perca; posicionando-lhe em um lugar de desconforto, na medida em que sua resolução subjetiva gira em torno da ameaça de castração, da frustração de não ter encontrado satisfação na relação com a mãe e da privação decorrente da mãe não ter. Na música “Mãe”, Caetano Veloso canta:

Sou triste, quase um bicho triste / E brilhas mesmo assim / Eu canto, grito, corro, rio / E nunca chego a ti. (VELOSO, 2013).

O menino nunca chega de fato até sua satisfação, a realizar a mãe como seu objeto. Porém, este interdito abre uma possibilidade Outra. Esta possibilidade se remete à função normativa do complexo de Édipo em relação à assunção do menino ao seu sexo, que inclui o uso de seu órgão, e está colocada na via da identificação, tal como Freud (1924/1996) e Lacan (1958/1999b, 1958/1999c) assinalavam.

Para que entendamos melhor como isso ocorre, contudo, necessitamos retornar ao ponto em que falávamos com Lacan de uma substituição, ou melhor, de uma metáfora. A metáfora, enquanto uma das leis do significante, Lacan a coloca (1958/1999a) enquanto a substituição de um significante por outro significante. Como isso está relacionado ao complexo de Castração? Com o fato de que o primeiro significante introduzido na simbolização do menino seja o significante materno, significante do desejo da mãe.

Precisamos ter em mente o que falávamos anteriormente como todo o mundo simbólico já presente desde a entrada da criança no complexo de Édipo e que ordena à criança o questionamento em torno das idas e vindas da mãe que são

significadas a partir da primazia fálica. Isso quer dizer que quando nos referíamos ao fato de a criança se fazer objeto fálico para a mãe, estávamos nos remetendo justamente a essa significação que é dada pela criança de que neste buraco criado pelas idas e vindas é preciso que algo se introduza para apeteer o desejo da mãe e, portanto: o falo. “[...] a própria criança [...] é levada a se perguntar o que querem dizer as idas e vindas da mãe – e o que isso quer dizer é o falo” nos afirma Lacan (1958/1999a, p. 181).

No que isso nos ajuda a avançar está baseado no fato de que é preciso que ocorra uma substituição na preferência do menino pela mãe. Ou seja, que o significante do desejo da mãe seja substituído por outro (LACAN, 1958/1999a). E como esta tarefa opera? Como o pai se torna um objeto preferível à mãe, questiona Lacan (1958/1999a).

Encontramos o encaminhamento no complexo de Castração, com aquele que faz com que o menino reconheça não ter aquilo que tem (LACAN, 1958/1999a). Esse reconhecimento se dá a partir da necessidade de que ele possa vir a ter direito de tomar posse daquilo que tem. O menino, para que saia do complexo de Édipo-Castração com a virilidade, com alguma herança que lhe permita usufruir de seu sexo precisa assumir não ter.

É a isso que Freud (1924) nos encaminha quando afirma que a dissolução do complexo de Édipo preserva o órgão genital, afastando o risco de sua perda, ainda que o paralise, ao remover sua função na entrada do período de latência. Nas palavras de Lacan (1958/1999b, p. 192) “[...] a questão de ter ou não é regida – mesmo naquele que, no fim, tem o direito de tê-lo, ou seja, o varão – por intermédio do complexo de castração. Isso supõe que, para tê-lo, é preciso que haja um momento em que não se tem”.

Isso no leva a questão que Lacan (1958/1999a) propõe como fundamental para dar ao complexo de Édipo o estatuto de normatizador da posição sexual. A de que o pai, no complexo de Édipo, é uma metáfora. E o que isso implica? Que ao assumir que não tem, através da privação efetivada no nível da mãe – que também não tem –, no menino, pode se operar a substituição própria da metáfora: a de um significante por outro. Lacan (1958/1999a) nos leva então para o ponto em que o

significante do desejo da mãe é substituído pelo significante do pai: o Nome-do-Pai. Com esta construção, podemos ler que com a metáfora, a partir do complexo de Castração, algo fica sob a barra do recalque. É neste sentido, que o dito de um homem é sempre um interdito.

Aqui está toda a beleza do complexo de Castração, visto que ele permite que o sujeito, até então assujeito, não permaneça apenas na via imaginária do colamento com a mãe – via que sim deixa seus rastros e continua a comparecer no enodamento da estrutura neurótica –, mas que possa também seguir pela visada da normatividade simbólica proporcionada pela metáfora (LACAN, 1958/1999a). Ou seja, que o sujeito possa assumir para si um lugar simbólico, remetido ao Outro não absoluto que lhe endereça significantes. Uma vez efeito do significante, esse sujeito pode então tomar para si o significante que lhe marca na diferença sexual. Nesta visada, a possibilidade de o sujeito advir enquanto sujeito homem!

Em seguida, para concluir, pomos em destaque a identificação ao pai como a possibilidade do menino da assunção à posição de homem. E a partir disso, o que tal identificação implica. Assim então, temos condições de circundar quais são as heranças deixadas ao menino e como elas reverberam no psiquismo do homem.

#### 4. CONCLUSÃO

Inicialmente, este trabalho almejava discutir a identificação do menino à posição de homem através do texto de Sigmund Freud e do ensino de Jacques Lacan. Com isso, tinha por pretensão colocar em destaque questões que perpassam a experiência do masculino e quais elementos são necessários para que uma criança pudesse chegar a dizer “Eu sou um homem”. Ao analisarmos o percurso de trabalho neste momento, o de concluir, é possível afirmar que o tema da identificação não foi aquilo que se impôs como questão central.

Apesar de nos referirmos à noção de identificação, visto que não existiria a possibilidade de seguir neste trajeto se tal noção não houvesse sido contada, no decorrer da trajetória, a caracterização da passagem do menino à posição de homem foi ganhando sua relevância, até que tomasse o lugar de questionamento principal.

Para falar dessa passagem, foi preciso assumir como ponto de partida a extrema prematuridade do filhote do humano em seu nascimento. Fez-se necessário então apontar a não existência de qualquer marcador, dado objetivo ou naturalidade que destine o sujeito para um desenvolvimento e que, portanto, o posiciona a mercê daquilo que se desenrola nas vias do Outro.

É assim que apontamos com Freud aquilo que se caracterizaria como a desnaturalização do humano a partir do mito do assassinato do pai da horda primeva e como, a partir disso, estamos submetidos a uma lei contra o incesto que institui o funcionamento do psiquismo de modo a permitir que possamos nos organizar socialmente. A submissão está colocada na dimensão da linguagem e diz de uma transmissão de um não-saber sobre a origem. Com Lacan, pudemos demonstrar que a utilização do mito se justifica pela falta de natureza no que diz respeito ao humano, ou melhor, pela tentativa de dar conta da origem.

Mostramos então como a noção de recalque primevo esboçada por Freud se torna fundamental para que possamos dimensionar a perda que está dada a todos os sujeitos e que nos marca a partir da não inscrição de um representante, de um traço que nos denuncia algo da ordem de um intolerável para o humano. Essa

perda, nós assinalamos, é de algo que nunca chegamos a ter, na medida em que não viemos ao mundo com qualquer espécie de instinto ou destinação biológica.

Encaminhamos a partir daí a noção de recalque primevo para que pudéssemos enxergar como a criança é tomada por alguns em um mundo de linguagem. Ou seja, o filhote do humano precisa ser investido por alguém para que dali possa advir um sujeito. Nesse atravessamento, o sujeito vai se situando no mundo a contar com essa não inscrição. Então, pudemos caminhar para apontar que isso não se dá de qualquer forma e que só podemos atravessar o percurso que leva uma criança a uma posição no social a partir da diferença sexual.

A maneira como a criança pode se a ver com isso está sempre referenciada ao campo do Outro e, portanto, sempre submetida à dimensão malograda da linguagem. O que nos encaminhou a colocar como fundamental o primeiro laço ao qual a criança se subjugava: com a mãe enquanto aquela que encarna o Outro. É nesta relação que pudemos localizar a simbolização primordial.

Até aqui, pudemos sinalizar que a diferença sexual ainda não está dada. Introduzimos então a noção de primazia fálica. No trabalho, enfatizamos essa noção a partir de duas perspectivas. Primeiramente, com a dimensão da presunção inicial por parte da criança do sexo masculino de que todos têm o falo. De modo relacionado, escrevemos também sobre a identificação ao falo feita pela criança na tentativa de suprir o desejo da mãe, demarcando então o primeiro significante da simbolização para o sujeito: o desejo do desejo da mãe.

A essa altura o que nos deparamos é com essa relação fundamental e fundadora, a qual encaminha a introdução do menino no complexo de Édipo-Castração. A relação com o falo e com a mãe. Aqui, pudemos trabalhar a dependência por parte do menino do desejo da mãe. Essa dependência está sempre às voltas com o significante falo.

O que não pudemos deixar passar despercebido é que nesse nível o pênis já possui lugar privilegiado na economia psíquica do menino. E, portanto, agora estamos em condições de apontar uma espécie de liga entre o falo e o pênis. Ou seja, de que a significação atribuída ao significante falo, em algum momento, é remetida ao pênis como significado. Isto é, que isso que seria o x do desejo da mãe,

a resposta para o mistério sobre as idas e vindas dela, o menino encontra uma resposta no pênis. A exemplo disso, o apelo ao desejo da mãe feito pelo menino também pelo pênis. Ele o oferece, o enrijece, na tentativa de aplacar a falta da mãe, e com isso todos os prazeres possíveis com o uso que um menino de tenra idade pode fazer de um pênis.

Os resquícios de tal configuração não deixam de se fazer presentes em toda a vida do homem. Não à toa, Lacan (1958/1999a), quando nos leva a reconhecer o ato de doação realizado pelo pai ao menino, se refere aos títulos de propriedade que este pode guardar para que lhe seja possível usar no momento certo. Ora, sobre o que tais títulos lhe dariam garantia de uso? Sobre o pênis: “[...] no momento da puberdade, ele terá seu pênis prontinho, junto com seu certificado – *Aí está papai que no momento certo o conferiu a mim*” (LACAN, 1958/1999a, p. 176).

Torna-se perceptível que apesar de o falo ser um significante, em certo momento, ele é tomado pela via do órgão genital masculino. E, como a vida sexual do adulto é a vida sexual infantil, no homem, podemos localizar um apelo ao pênis como aquele que lhe daria garantias de que é um homem, assim como de sua potência e de sua posição no mundo. Tal apelo perpassa justamente pela questão do vínculo entre o falo e o pênis, perdurando no funcionamento psíquico do homem.

Ao longo desta monografia, trabalhamos também como a relação criança-mãe-falo vai se dando e qual encaminhamento impulsiona o menino para que possa vir a se relacionar com tais elementos de outra forma que não a maneira totalmente alienada com a qual inicia na vida. Faz-se possível assinalar que a dimensão da alienação nunca é completamente solucionada. À medida que deixa rastros no psiquismo do homem como a única forma que se tem de estar posicionado no mundo assumindo o seu sexo na diferença sexual, remetido ao Outro.

Isto é, ainda que a assunção de seu sexo possa vir a ocorrer, no menino, uma vez homem, ainda se apresenta uma relação muito forte com a mãe; esse enlaçamento se perpetua. Lacan (1958/1999a) nos mostrava isso ao afirmar que os desejos infantis pela mãe embora recalçados, são primordiais “e não apenas são primordiais, como estão sempre presentes” (p. 167). Freud (1913) escancarou isso ao longo de sua análise dos rituais de evitação praticados por algumas tribos, evidenciando como o menino escolhe a mãe como objeto de amor. A exemplo disso,

as evitações e hostilidades estabelecidas em algumas tribos analisadas em torno da figura da sogra, diz-nos Freud (1913), estavam ligadas ao desvio que acontece – uma vez barrado o incesto – do amor à mãe para o amor (sempre ambivalente) à sogra. Uma maneira de relação que não se distancia tanto da forma como se dão as relações entre essas duas figuras na atualidade, ainda que em forma de piadas.

Ainda que com a alienação, demonstramos com os três tempos do Édipo, estabelecidos por Lacan, que existe uma virada em um curso cheio de percalços do assujeito ao sujeito homem. Para tal construção teórica, introduzimos o pai a partir de sua extrema relevância no complexo de Édipo-Castração, uma vez que é ele, como privador e depois como doador, quem pode apresentar uma alternativa Outra a esse que até então não quer saber de deixar e se assujeitar.

Mostramos como tais encaminhamentos só podem se suceder a partir da ameaça de castração. Buscamos enfatizá-la a partir do horror que o menino sente diante da possibilidade de perder o seu pênis, tal como uma operação que vem a se efetivar em sua articulação com a proibição do incesto. Sensíveis ao direcionamento que Freud não dá, temos a possibilidade de agora deixar claro que o horror a castração continua a produzir seus efeitos sobre a vida psíquica do homem.

Nesse contexto, temos o juízo que poder ter um pênis no futuro, também como herança do complexo de Édipo-Castração, não coloca o homem em uma posição sempre confortável. Pelo contrário, a ameaça de castração se impõe no decorrer da vida de um sujeito homem, portanto, o colocando também no desconforto, no mal estar. Fazemos essa indicação por nos encontrarmos diante de uma confirmação de algo que já se deu. Seguindo a escrita freudiana de que ao fim do Édipo, os investimentos libidinais, além de serem sublimados ou substituídos por identificações, são recalçados; atemo-nos com a confirmação do recalque primevo. Ou seja, nessa confirmação de uma negação que nos aponta algo de irrepresentável, impossível na experiência de cada sujeito. Por isso, não é possível afirmar que do lado do homem há uma melhor resolução, trata-se antes de tudo de como cada uma vai se a ver a cada vez com o impossível imposto/confirmado pela castração.

É, contudo, também na castração que identificamos em nosso trabalho a operação que desloca o menino da posição de assujeito, da tentativa de se fazer de

falo para a mãe, em direção a um sujeito que toma para si o significante homem. Na castração como que operada pelo pai, barrando o desejo incestuoso. Para fazer essa passagem, o menino precisa então renunciar. Renunciar inclusive aquilo que tem, como nos diz Freud. Sustentamos, entretanto, que na renúncia há também uma promessa a partir do ato de doação por parte do pai. Uma promessa que só pode vir a cumprir-se como consequência da identificação ao pai.

Lacan chama essa identificação de Ideal do eu, o que não nos foi possível trabalhar neste texto. É-nos possível, contudo, assinalar por onde tal questão passa. Isto é, pela preferência que o menino vai passar a direcionar para o pai, em vez da mãe. Essa preferência se apresenta como possibilidade à criança do sexo masculino a partir da renúncia da mãe. Implicada com a renúncia, reside a confirmação para o menino de que a mãe não possui o falo. Logo, é do lado do pai, que o menino pode herdar a assunção de seu sexo, isso é, de assumir, tomar posse do que é seu por título: o falo.

Certificando-se de tomar posse de seu título, o menino finalmente pode cumprir seu encaminhamento para a saída do Édipo, assumindo uma posição de virilidade (LACAN, 1958/1999a, 1958/1999b, 1958/1999c). O declínio das funções genitais que despertaram nessa primeira infância, tal como articulamos aqui neste trabalho, se dá para que o menino em uma futura conjectura possa usufruir delas. A saída pela virilidade fica aqui demarcada como uma questão de poder assumir o seu sexo, em seu corpo, remetido a um lugar simbólico que proporcione o laço social.

Registramos como a assunção do título se faz a partir da posição do pai na ordem simbólica – primeiramente como velado, depois como aparecendo no discurso da mãe, logo após aparecendo em seu próprio discurso. Tratamos da metáfora paterna como a substituição – do desejo do desejo da mãe pelo significante do pai, Nome-do-Pai – necessária na cadeia simbólica para que a identificação da saída do Édipo-Castração possa ocorrer.

Para que nos conduzamos ao fim, coloquemos agora a afirmativa de Lacan (1958/1999b) em torno do caráter de produção da metáfora. Bem, o que ele nos diz é que concerne a um significante se atando no outro para “ver no que dá”. Existe, na dimensão da metáfora, por conseguinte, a produção do novo, nova significação. Uma vez atados, não é possível saber ao certo o resultado. Percebemos então

como através da metáfora paterna algo da ordem do significante se impõe, ainda que a significação (sempre fálica) venha a se colocar em um só depois.

É com esse ponto que nos vemos as voltas em nosso trabalho. Na medida em que o pai no complexo de Édipo é uma metáfora e o filho se identifica a ele, o menino, em última instância, se identifica a uma metáfora. O direito a ser um homem para o menino está justamente na identificação metafórica com o pai. Encontramos aqui a justificativa para que Lacan (1958/1999b, p. 201) afirme que “[...] na medida em que é viril, um homem é sempre mais ou menos sua própria metáfora”.

Assim sendo, todos os homens que tenham passado pela castração estão submetidos à lei do pai, portanto, interditados. Puderam se encaminhar para tal, enquanto sujeitos efeitos de um significante em comum – homem –, consoante a identificação ao pai, assumindo a virilidade como posição no mundo.

Ainda assim, uma vez que a metáfora opera, existe sempre um aspecto de novidade. Logo, a cada vez que um menino se submete a castração, vindo a tornar-se um homem, alguma coisa de novo pode nascer ali; o que diz de como cada um está submetido à lei do pai e como cada um pode bancar estar um mundo de diferença sexual, fazendo uso de seu pênis, sem que o seu pênis seja o falo.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA Jovem. Português. **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

CHEMAMA, Roland. **Diccionario del psicoanálisis**: diccionario actual de los significantes, conceptos y matemas del psicoanálisis. Argentina: Amorrortu Editores, 1996.

SIGMUND, Freud. Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]). **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889)**. Vol. I. Edição standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

\_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). **Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)**. Vol. VII. Edição standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

\_\_\_\_\_. Totem e tabu (1913). **Totem e tabu e outros trabalhos (1913-1914)**. Vol. XIII. Edição standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

\_\_\_\_\_. Repressão (1915). **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)**. Vol. XIV. Edição standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

\_\_\_\_\_. Psicologia de Grupo e Análise do Ego (1921). **Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)**. Vol. XVIII. Edição standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

\_\_\_\_\_. A Organização Genital Infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade (1923). **O ego e o id e outros trabalhos (1923-1925)**. Vol. XIX. Edição standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

\_\_\_\_\_. A Dissolução do Complexo de Édipo (1924). \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_. Feminilidade (1933 [1932]). **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)**. Vol. XXII. Edição standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

LACAN, Jacques. Para que serve o mito (1957). **O Seminário. Livro IV: A relação de objeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995a.

\_\_\_\_\_. Como se analisa o mito (1957). \_\_\_\_\_, 1995b.

\_\_\_\_\_. A metáfora paterna (1958). **O Seminário. Livro V: As formações do inconsciente (1957-1958)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999a.

\_\_\_\_\_. Os três tempos do Édipo (1958). \_\_\_\_\_, 1999b.

\_\_\_\_\_. Os três tempos do Édipo (II) (1958). \_\_\_\_\_, 1999c.

\_\_\_\_\_. O inconsciente freudiano e o nosso (1964). **O Seminário. Livro XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a.

\_\_\_\_\_. Tiquê e autômaton (1964). \_\_\_\_\_, 2008b.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o outro (I): a alienação. \_\_\_\_\_, 2008c.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo GH**. Rio de Janeiro, 2009.

LAMEIRA, Valéria; COSTA, Márcio; RODRIGUES, Simone. Fundamentos metodológicos da pesquisa teórica em psicanálise. **Revista Subjetividades**, v. 17, n. 1, p. 68-78, Fortaleza: 2017.

VELOSO, Caetano. **Mãe**. Rio de Janeiro: Universal Music International, 2013. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=kABxhwTKlsc>>. Acesso em 06 dez. 2018.

VELOSO, Zeca. **Todo homem**. Rio de Janeiro: Universal Music International, 2017. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=yjxriFArvMk>>. Acesso em 06 dez. 2018.